

OP DIPATIO

A universalidade do 25 de Abril de 1974



O escritor Calane da Silva
falou sobre o impacto do 25
de Abril em Moçambique

EDITORIAL

Para uma pedagogia do entusiasmo

“Não deixar murchar os cravos” foi o mote escolhido na EPM-CELP para celebrar o 25 de Abril de 1974 e a liberdade conquistada há quatro décadas, que vieram pôr fim à ditadura e trazer à luz a democracia em Portugal.

Trazendo aos dias de hoje a experiência de quem viveu uma época em que estavam vedados, à maioria da população em Portugal, os direitos de expressão livre e o acesso à educação e à saúde, reforçou-se a ideia da importância de manter a memória histórica viva nas gerações presentes, de modo a que estas possam atuar com consciência na sociedade em que se inserem. Os valores que estão subjacentes à Revolução de Abril, de uma cultura humanista e universal, constituem, em nosso entender, a via possível para diminuir o fosso económico entre países e entre os seres humanos e preservar a sustentabilidade do planeta.

Neste âmbito, o nosso papel como educadores reveste-se de uma enorme responsabilidade. É importante que a educação se alicerce numa filosofia construtivista, de modo a que cada aprendizagem seja uma apropriação das experiências vivenciadas na sala de aula e que a solidariedade e o “dar de nós” apareça como uma consequência natural da filosofia que nos está subjacente. A solidariedade não se quer pontual, nem mero adereço, mas espelhada na forma de estar, na nossa praxis pedagógica. É por isso que acreditamos que “Ser” no contexto educativo é pôr a fasquia alta em primeiro lugar para nós mesmos, mantendo sempre e a cada momento o pensamento crítico, a postura de flexibilidade.

Neste cenário, apelamos, a cada momento e em cada atividade, ao desenvolvimento de uma «pedagogia do entusiasmo», que não se compadece com as formas passivas de atingir o conhecimento abstrato e absoluto, mas constrói as fundações de aprendizagens significativas que só podem ser erguidas pela experiência vivida dos nossos alunos.

A DIREÇÃO

Para ler nesta edição

- 4 **EFEMÉRIDES** | Água e florestas: recursos naturais a exigir atenção crescente do cidadão. O teatro não morre.
- 5 **SOLIDARIEDADE** | Alunos do 11.º B1 da EPM-CELP relatam, coletivamente, as emoções de uma jornada de solidariedade na Ka Tembe
- 6 **FORMAÇÃO** | Projeto de empreendedorismo no primeiro ciclo associou-se às TIC para mais e melhor produtos na feira final
- 7 **SEMANA DA LEITURA** | Mil e uma atividades preencheram semana de celebração da leitura e do livro na EPM-CELP
- 8 **DESTAQUE** | A Revolução dos Cravos em Portugal comemorou o 40.º aniversário, vincando a sua força universalista
- 9 **ENTREVISTA** | O escritor e professor moçambicano Calane da Silva lembra as dimensões da língua portuguesa e do próprio 25 de Abril de 1974
- 12 **DESPORTO** | Delegações desportivas multidisciplinares da EPM-CELP dignificam instituição na comunidade
- 13 **ARTE** | Como a expressão artística pode contribuir para a formação cívica dos indivíduos e para a preservação do ambiente
- 14 **NA PONTA DA LÍNGUA** | Aprecie a espontaneidade e liberdade literárias dos alunos da EPM-CELP
- 15 **PSICOLOGIA ESCOLAR** | Reflexão sobre as solicitações escolares e a necessidade de intervenção clínica na área da saúde mental

PÁTIO DAS LARANJEIRAS | Revista bimestral da EPM-CELP | Ano XI - N.º 90 | Edição Mar/Abr 2014

Directora Dina Trigo de Mira | **Editor Geral** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Margarida Vasconcelos | **Editores** Ricardo Franco (TIC) e Sara Teixeira (Educação Artística) | **Editores Gráficos** Ana Seruca | **Colaboradores redactoriais nesta edição** Luísa Antunes, Teresa Noronha, Ana Paula Relvas, Sandra Cosme e alunos do 11.º B1 | **Grafismo e Pré-Impressão** Ana Seruca, António Faria Lopes e Fulgêncio Samo | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Graça Pinto e Ana Paula Relvas | **Impressão e Produção** Centro de Recursos Educativos | **Distribuição** Fulgêncio Samo (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.ª do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: patiodaslaranjeiras@epmcelp.edu.mz

Ministro Crato visitou a EPM-CELP

O ministro da Educação e Ciência de Portugal, Nuno Crato, cumpriu uma visita oficial à EPM-CELP, acompanhado pela ministra conselheira e pela secretária da Embaixada de Portugal em Maputo, Cristina Moniz e Patrícia Gaspar, respetivamente. Também participou na visita o representante do Ministério da Educação de Moçambique e diretor nacional das Qualificações Profissionais, Joaquim Matavel.

Recebidos pelos membros da Direção, coordenadores pedagógicos e professores da EPM-CELP, na tarde de 16 de março último, os visitantes percorreram as instalações da nossa Escola, onde prestaram especial atenção à Biblioteca José Craveirinha, ao pavilhão gimnodesportivo, aos laboratórios de Física, Biologia e Matemática, bem como à sala de ensino estruturado.

Após visita às instalações, que foram motivo de orgulho para o governante português, Nuno Crato reuniu-se com os professores da EPM-CELP para um encontro no qual auscultou os profissionais do ensino sobre as condições e contexto de trabalho em Moçambique. O ministro da Educação e Ciência aproveitou a ocasião para recolher a opinião dos docentes sobre os novos programas da disciplina de Matemática, área de formação académica e profissional de Nuno Crato.

A deslocação de Nuno Crato alargou-se à Escola Primária Completa Polana Caniço "A", situada nas imediações da EPM-CELP e que constitui o primeiro parceiro de cooperação com a nossa Escola no âmbito do programa da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) de Portugal em Moçambique. Para além de conhecer as salas de aulas e trocar impressões com a diretora e professores daquele estabeleci-



O ministro Nuno Crato ladeado por José Lopes e Alice Feliciano, subdiretores da EPM-CELP

mento de ensino, o ministro visitou a biblioteca escolar, participando nas atividades programadas para aquele espaço pioneiro da implementação do programa da RBE nas escolas públicas e comunitárias do sistema de ensino moçambicano.

A visita de Nuno Crato inseriu-se no âmbito da sua participação na Reunião de Ministros da Educação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), realizada em Maputo, onde anunciou que Portugal vai disponibilizar professores interessados em trabalhar em Moçambique, no contexto do programa bilateral de coo-

peração na área da educação. A deslocação de Nuno Crato à EPM-CELP surgiu na sequência da sua visita prévia à Escola Portuguesa de Macau, onde reuniu com os dirigentes da respetiva Associação de Pais e Encarregados de Educação com quem abordou questões relacionadas com o futuro daquela instituição.

A finalizar, a delegação ministerial participou num almoço servido nas nossas instalações, onde também estiveram presentes vários elementos da nossa comunidade educativa, apesar de corresponder ao período não letivo da Páscoa.



Parlamentares portugueses visitaram a EPM-CELP

A EPM-CELP acolheu, em 20 de março último, a delegação de deputados da Comissão de Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas da Assembleia da República de Portugal, dirigida pelo respetivo presidente Sérgio Sousa Pinto. A comitiva foi recebida pela diretora da nossa Escola, Dina Trigo de Mira.

Água e florestas exigem atenção do ser humano



A água e as florestas, de mãos dadas na natureza, foram evocadas e homenageadas a 21 e 22 de março pela comunidade educativa da EPM-CELP, que, assim, revalorizou dois recursos naturais que muito carecem da atenção e decisão humanas.

Para a celebração do Dia Mundial da Árvore e das Florestas, assinalado na EPM-CELP a 22 de março, realizou-se uma palestra dirigida aos alunos do segundo ano de escolaridade, permitindo aos petizes conhecer melhor a história de vida de uma árvore, desde o seu nascimento até atingir a idade adulta. O processo da fotossíntese, a importância dos recursos florestais e as profissões relacionadas com as florestas foram temas abordados na palestra pelas encarregadas de educação Catarina Brites e Dora Vieira, igualmente professoras de Ciências na nossa Escola.

Os alunos da turma C do 11.º ano, por sua vez, animaram a pequenada do segundo ano através da promoção de atividades lúdicas que permitiram um conjunto de aprendizagens relacionadas com a conservação e respeito pelo meio ambiente. Assim, dinamizaram jogos que consistiram em circuitos de perguntas cujas respostas a equipa deveria descortinar entre pistas informativas colocadas em diversos pontos dos pátios da nossa Escola. Por exemplo, a classificação do lixo através da

identificação dos respetivos contentores foi um dos temas explorados.

A Humanidade assiste, na atualidade, a uma exploração irracional e desenfreada dos recursos naturais para satisfazer necessidades ou caprichos do ser humano, tornando-se cada vez mais urgente sensibilizar as pessoas para uma mudança de hábitos, de forma a promover uma convivência mais equilibrada entre a natureza e o ser humano.

O Dia Mundial da Água foi instituído pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas através de uma resolução datada de 21 de Fevereiro de 1993, declarando 22 de março de cada ano o Dia Mundial das Águas. Desta forma, os países são convidados a realizar, naquele dia, atividades que promovam a conscientização pública da conservação e desenvolvimento dos recursos hídricos, recorrendo a publicações, à difusão de documentários e à organização de conferências, mesas redondas, seminários e exposições. Tem sido imperativo abordar assuntos relacionados com os problemas de abastecimento de água potável, o aumento da consciência pública, com o envolvimento dos governos, das agências internacionais, das organizações não-governamentais e do setor privado, sobre a importância da conservação, preservação e proteção da água, das fontes e suprimentos de água potável.

“Auto da Barca do Inferno” desafiou criatividade dos alunos

A leitura e a dramatização da obra “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente, serviram para evocar o Dia Mundial do Teatro na EPM-CELP, a 27 de março último, numa iniciativa conjunta dos alunos do nono ano do ensino básico dirigida aos seus colegas dos sétimo e décimo anos de escolaridade.

A atividade teve lugar no Auditório Carlos Paredes e constituiu uma forma de explorar as vertentes lúdica e cooperativa das aprendizagens escolares, consolidando as temáticas relacionadas com os conteúdos programáticos da disciplina de Português do nono ano de escolaridade.

Os alunos foram os produtores de todo o espetáculo, assumindo a responsabilidade pela elaboração dos cenários, dos adereços e da indumentária necessária, bem como pela conceção do cartaz de divulgação do evento. Durante o espetáculo, ainda surpreenderam o público pela autonomia e caráter colocados na interpretação dos personagens.

Estudar Gil Vicente e, em particular, a obra “Auto da Barca do Inferno” é uma prova de vida da língua e da cultura portuguesas e, simultaneamente, uma forma de evocar, com sentido crítico e humor, um espaço de liberdade.

SANDRA COSME
Professora de Português





Recebemos mais do que demos

Precisamos de reconhecer e consciencializar que a nossa construção como pessoas implica o contacto com o Outro. Importa perceber que existem muitos mundos e que compete a cada um de nós dar contributos para um Mundo melhor.

No passado 1 de abril, no âmbito do programa da Educação para a Cidadania, a nossa turma - o 11.º B1 -, conjuntamente com a nossa diretora de turma, a professora Graça Pinto, saiu da escola e foi “dar de nós”. Juntámo-nos, bem cedo, junto ao cais do batelão da Ka Tembe para fazermos a travessia da baía em direção ao Lar Tiberiades, que já tinha sido visitado por colegas nossos no âmbito de uma iniciativa de cariz social, dinamizada pela Associação de Estudantes da nossa Escola.

O Lar Tiberiades alberga meninas de todas as idades e crianças órfãs, muitas portadoras do vírus da SIDA. Com a ajuda dos nossos pais e com os fundos angariados com a realização de uma feira gastronómica, levámos connosco bens materiais, como ventoinhas, talheres, copos e outros utensílios domésticos, alguns oriundos de uma doação. Transportámos um televisor, uma tábua de engomar, caixas e caixotes, sacos e sacolas e tudo parecia leve, demasiado leve... Carregar tudo à partida e descarregar tudo à chegada seria, noutra contexto, uma tarefa árdua, mas, naquele dia, fizemos tudo com gosto e sem custo, porque a vontade de ajudar deu-nos a força que julgávamos não possuir.

Sem esforço e com grande entusiasmo transportámos as coisas mas, acima de tudo, levámos alegria e vontade de partilhar saberes, sorrisos e carinhos que fizeram um dia diferente na vida de algumas crianças. O que demos foi, sem dúvida, menos do que recebemos. Regressámos mais realizados como cidadãos, mais atentos ao mundo e conscientes de que a vida humana deve ser um ato de partilha, que, para nós, significa interagir, dar valor ao Outro, respeitá-lo e acarinhá-lo.

Se só existimos na medida em que vivemos para o Outro, importa dizer que ser é amar, dar e partilhar. Desejamos dar uma parte de nós, convictos de que essa dádiva dará sentido às nossas vidas.

ALUNOS DO 11ºB1

VISITA DE ESTUDO

Radiodifusão reforça oralidade em inglês

Os alunos da turma A2 do 11.º ano da EPM-CELP “submeteram” as suas propostas de trabalho aos estúdio de gravação REC, o qual visitaram no âmbito do estudo do tema *commercials* na disciplina de Inglês. Recebidos por Renato Quaresma, proprietário do estúdio e engenheiro de formação, tendo sido finalista da EPM-CELP em 2000, os alunos experimentaram os processos de gravação associados à produção de anúncios publicitários.

A iniciativa permitiu o exercício da compreensão e expressão oral em língua inglesa, o qual foi articulado com as reflexões realizadas na disciplina de Educação para a Cidadania, relativamente às opções de percurso universitário e saída profissional.



Empreendedorismo desafiou as TIC

Será que crianças de sete e oito anos sabem criar um produto ou uma marca comerciais? Será que conseguem vendê-lo e divulgá-lo? Este foi o desafio lançado aos alunos do terceiro ano do ensino básico da EPM-CELP, no início do corrente ano letivo, no âmbito do projeto “Ateliers Empreender Crianças”. Foi este, também, o desafio colocado às aulas de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para ajudar os alunos a comunicar melhor.

Ao longo das atividades desenvolvidas nas diferentes turmas, desde o início do ano escolar, os alunos encheram as “velas” da imaginação e navegaram na produção de bolos, pulseiras, caixas e quadros, entre outros objetos inspirados nos conteúdos relacionados com o desenvolvimento de competências empresariais de criatividade, liderança, negociação e inovação.

Perspetivando a realização da feira de finalização do projeto, no fim do ano letivo, o projeto de empreendedorismo associou-se às aulas de TIC para o desenvolvimento de atividades orientadas para o processo de divulgação dos produtos, através da manipulação de aplicações informáticas vocacionadas para o tratamento técnico de cartazes e panfletos



dirigidos aos potenciais clientes, assim como para a compreensão dos conceitos de produção publicitária.

Com a feira em mente, os alunos foram desafiados a pensar na melhor maneira de caracterizar e vender os produtos fabricados, permitindo, assim, a abordagem e apropriação de conceitos como *slogan*, publicidade e promoção, que, desta forma, passaram a fazer parte do vocabulário empreendedor das crianças.

Através da utilização da aplicação Microsoft Office Publisher os petizes deram largas à criatividade, fazendo incursões na

área do tratamento das fotografias dos produtos e na da utilização das cores mais atrativas nos suportes informativos para divulgar os produtos.

A experiência demonstrou que o espírito empreendedor está presente nos alunos envolvidos no projeto “Ateliers Empreender Crianças”, confirmando, igualmente, que a nossa Escola possui espaços e condições para estimular e reforçar as competências associadas ao empreendedorismo.

RICARDO FRANCO
Professor de TIC

SEGURANÇA

Enfrentar ameaças com prevenção e reação adequadas

A prevenção e reação em situações de sequestro e *carjacking* foi a temática de uma ação de formação oferecida pelo Centro de Formação da EPM-CELP aos seus docentes, a 1 de março último, no Auditório Carlos Paredes.

Orientada por Gonçalo Morgado, diretor de operações numa empresa moçambicana do setor da segurança de pessoas e bens, a sessão de formação visou apetrechar os docentes com conhecimentos capazes de conduzir a um comportamento e atitudes preventivos face à atualidade social e urbana da zona de Maputo marcada por alguns episódios de sequestros.

A sessão consistiu na apresentação de situações reais ocorridas em Moçambique, a partir das quais se procedeu à tipificação dos crimes de *carjacking* e de sequestros e à análise das técnicas mais utilizadas pelos autores dos crimes no contexto da realidade moçambicana. Na



sequência realizou-se uma abordagem às práticas de segurança a adotar nas rotinas diárias de circulação das pessoas, aos princípios e técnicas de contravigilância e aos procedimentos recomendados em caso de ataque ou sequestro, a qual permitiu, potencialmente, conferir aos participantes na palestra maior controlo emocional e atitudinal nos cenários de ameaça e, desta forma, minorar algum sentimento de insegurança passível de se manifestar atualmente face aos assaltos e sequestros registados na cidade de Maputo e arredores.

Para além de ser membro da Unidade Especial de Polícia de Segurança Pública, de Portugal, o formador Gonçalo Morgado acumula 20 anos de experiência no setor da segurança privada, sendo consultor e, também, autor de artigos técnicos sobre o fenómeno do terrorismo na publicação “Polícia Portuguesa”.

SEMANA DA LEITURA celebrou 800 anos do texto em língua portuguesa

Exposições, leitura, cinema, concursos, apresentações e lançamentos de livros constituíram o rico programa da **Semana da Leitura 2014**, anualmente celebrada na EPM-CELP, numa tradição enriquecida por atividades dinamizadas em prol da cultura e língua portuguesas.

A EPM-CELP acolheu, entre 17 e 21 de março, a edição 2014 da Semana da Leitura, cujo tema central, lançado pela Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) e pelo Plano Nacional de Leitura (PNL), foi a celebração dos 800 anos de conhecimento dos textos mais antigos em língua portuguesa.

Organizada pela Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC), a Semana da Leitura ofereceu aos seus utentes e à comunidade educativa uma exposição sobre os primeiros textos em língua portuguesa. Esta ficou patente, na BEJC, durante toda a semana e incluiu *fac similes* dos textos considerados mais antigos, a sua tradução, bem como outros documentos relacionados com a temática.

Por forma a promover a biblioteca, o livro e a leitura, durante a Semana da Leitura foi visionado, na sala da Biblioteca Viva, o filme “Livros Voadores” por todas as turmas previamente inscritas. Depois do filme, foram dinamizadas pequenas atividades de escrita e de desenho cujos trabalhos foram expostos na BEJC. Com o objetivo de celebrar a biblioteca itinerante, que possibilita a leitura nos locais mais recônditos, a BEJC apresentou, na sua vitrina do refeitório, uma pequena exposição de fotografias denominada “Bibliotecas Itinerantes”.

Para comemorar o Dia Mundial da Saúde Oral, a 20 de março, a BEJC e a área disciplinar de Ciências Naturais/Biologia associaram-se ao programa SOBE – Saúde Oral Biblioteca Escolar, dinamizando atividades no âmbito da saúde oral, direcionadas especialmente para o sexto ano de escolaridade, abarcando, também,



turmas do pré-escolar e do primeiro ciclo. Destas salientam-se o visionamento do filme “Era uma vez a vida – Dentes” e “Teste da Língua - Boca saudável para ler os melhores livros”.

De modo a celebrar a língua portuguesa e a leitura, apresentaram-se, em parceria com a Equipa de Cooperação – Centro de Formação da EPM-CELP e docentes de Português, os contos “Formiga Jujú e o sapo Karibu”, “O Caçador de Ossos” e “Viagem pelo Mundo num Grão de Pólen”, bem como o livro “A Marra-benta, sua evolução e estilização – 1950-2002”.

O concurso de Provérbios e Adivinhas, cujo objetivo é promover a cultura e a língua portuguesas junto dos alunos mais novos, teve lugar, como habitualmente, na Semana da Leitura. Tendo começado a sua preparação a 21 de fevereiro, os alu-

nos dos quarto e quinto anos iniciaram a sua participação em provas eliminatórias e depois nas finais. Os vencedores desta edição foram os alunos Maria Leonor Parente (4.º E), Kevin Paresch (5.º B) e Bruno Afonso (5.º A).

A “Cozinha das Letras”, atividade dinamizada pela BEJC, no espaço Biblioteca Viva, aproveitou a Semana da Leitura para mostrar os trabalhos realizados pelos alunos que, voluntariamente, têm participado nas atividades bissemanais de leitura e de escrita criativa.

A Semana da Leitura encerrou no Auditório Carlos Paredes onde os alunos das turmas A, B e C do oitavo ano do ensino básico apresentaram a dramatização da “Fantasliteratura.com”, atividade dedicada ao escritor português Almeida Garrett e à sua obra “Falar Verdade a Mentir”, escrita em 1845.

“Na ponta da língua” volta a divulgar textos dos alunos da EPM-CELP

A edição 2014 da Semana da Leitura ficou também marcada pela publicação da obra “Na ponta da língua 2”, a qual acolhe textos livre e espontaneamente escritos pelos alunos da EPM-CELP, no decorrer do ano letivo 2012/2013 e que também se encontram disponíveis na rubrica com o mesmo nome no sítio oficial da nossa Escola na internet. O livro digital “Na ponta da língua 2” reúne quase três dezenas de textos multitemáticos, repartidos entre a poesia e a prosa, visando a participação cívica e responsável dos nossos alunos nos vários ambientes sociais, bem como o desenvolvimento das competências da expressão escrita.





A força universal do 25 de Abril

Volvidos 40 anos após a Revolução dos Cravos ocorrida em Portugal, professores e alunos da EPM-CELP reuniram-se no Auditório Carlos Paredes para evocar a memória do 25 de Abril de 1974, celebrando a liberdade conquistada pelo povo português contra o regime opressivo do Estado Novo de Salazar. “Não deixemos murchar o Cravo de Abril” foi o mote da exortação à reafirmação do renascimento do povo português para a democracia.

Do programa desta celebração histórica constaram uma peça musical interpretada por Leandra Reis e Isac Mausse, professores de Educação Musical, e a declamação do poema “As portas que Abril abriu”, de José Carlos Ary dos Santos, por Adília Teixeira, professora de Língua Portuguesa. A estas atuações acresceu uma palestra dirigida aos alunos dos 10.º e 11.º anos pelo escritor Calane da Silva sobre as vivências do antes e pós 25 de Abril de 1974. O orador referiu-se à efeméride como memória da irmandade e fraternidade entre os povos que partilham uma história assente neste episódio, cujos reflexos se fizeram sentir também em Mo-

**EPM-CELP
comemorou o
40.º aniversário
da revolução
que mudou o
rumo de
Portugal e
abriu
mudanças
noutros países**



çambique. Por outro lado, Calane da Silva relevou o papel da língua portuguesa na relação entre Portugal e Moçambique, referindo-se à Escola Portuguesa de Moçambique como pólo de ligação multicultural. “A palestra serviu para relem-

brar a importância desta data para a vida atual, assim como para valorizar a liberdade adquirida no dia 25 de Abril de 1974, pois sem esta a vida que temos atualmente seria diferente, indubitavelmente mais restrita e limitada, sujeita à censura por qualquer manifestação de expressão revolucionária ou diferentes das defendidas pelo governo”, referiu, no final, Nuno Sousa, aluno da turma A do 10.º ano.

O programa foi ainda enriquecido pela entoação da canção “Grândola Vila Moura”, da autoria de Zeca Afonso, escolhida pelo Movimento das Forças Armadas para sinalizar a Revolução dos Cravos, tendo sido transmitida às zero horas do dia 25 de abril de 1974 pela Rádio Renascença, como confirmação do início do golpe de estado, transformando-se num dos símbolos da Revolução do 25 de Abril e da instauração da democracia em Portugal.



O intelectual moçambicano Calane da Silva contou aos alunos da EPM-CELP os efeitos provocados pela Revolução dos Cravos em Moçambique



CALANE DA SILVA
Professor e escritor

O dia 25 de abril foi maravilhoso

Calane da Silva é uma figura proeminente da cultura moçambicana com intensa atividade desenvolvida nas áreas literária e académica. Observador atento e crítico da realidade, o intelectual moçambicano concedeu a “O Pátio” uma entrevista recheada de temas acomodados num denso universalismo cultural e humanístico.

Entrevista conduzida por FULGÊNCIO SAMO

Gosta mais de escrever poesia ou prosa?

Eu sou jornalista profissional pelo que, em princípio e quase por ilação, sou da prosa. Em relação à criação literária eu comecei com contos, muitos dos quais nem os publiqui na obra Xicandarinha. No entanto, paradoxalmente, o meu primeiro livro é de poesia, intitulado “Dos Meninos da Malanga”. A poesia, ao contrário da prosa, apareceu-me, quase sempre em contexto lúdico, em festa de amigos onde me davam um mote a partir do qual eu fazia um poema de inspiração momentânea. Porém, a prosa é a base fundamental do meu caminho de escrita literária.

A língua portuguesa é a sua pátria?

Essa expressão do Fernando Pessoa tem sido muito contestada. As línguas são pátrias como são mundos, como são gramáticas, como são um universo multidimensional, como são, também, parte intrínseca daquilo que é o verbo em nós. Temos várias pátrias linguísticas em Moçambique. Oscilam entre 21 a 23 as línguas de origem bantu, às quais se acrescentam as de origem asiática e ocidental. Como pátria multilingue, Moçambique tem pela frente o desafio do ensino bilingue ou multilingue, instituído desde 2004. Neste tipo de ensino bilingue, o português aparece como disciplina logo no primeiro ano escolar e, assim, a criança adquire duas gramáticas distintas, ficando apetrechada para não atropelar as duas gramáticas idiomáticas.

Qual foi o reconhecimento público da sua obra mais significativo para si?

Ao contrário do que acontece com outros colegas, a minha obra não é apenas literária. Além de estar envolvido em muitas organizações internacionais, sou professor universitário. Isto quer dizer que, para além de escrita literária, tenho a de investigação académica, a de ensaios e a de obras de investigação linguístico-literária. Quer do ponto de vista académico quer ao nível da publicação de obras literárias já fui reconhecido ao outorgaram-me, por exemplo, o Prémio José Craveirinha, que é o maior galardão nacional. Em 2013, em Nampula, no Festival Nacional da Cultura, fui agraciado como “embondeiro” da cultura nacional. E, ultimamente, fui agra-



ciado com a medalha de mérito das artes e cultura pelo próprio governo de Moçambique. Por outro lado, o meu livro “Xicandarinha na Lenha do Mundo” foi, durante muito tempo, de leitura obrigatória na nona classe do ensino moçambicano. Quando ando pelo país em palestras, sinto que as pessoas conhecem a minha obra. O trabalho ao longo da minha vida sempre foi em prol da dinamização e motivação culturais, formando grupos e criando muitas associações culturais. Fui fundador da Associação de Escritores Moçambicanos bem como da Associação da Língua Portuguesa em Moçambique e de muitas outras de carácter cultural.

Que dizer sobre os nomes sonantes da literatura moçambicana?

Não podemos viver eternamente com os mesmos nomes sonantes. Moçambique tem, para além da Noémia de Sousa, do José Craveirinha, do Mia Couto, do Borges Coelho, do Aldino Muianga, do Ungulane Ba Ka Kossa, do Eduardo White, do Marcelo Panguana, da Paulina Chiziane, do Juvenal Bucuane e de muitos outros, nomes que estão a despontar, revelando não apenas talento, mas também qualidade, demonstrada pelo facto de já terem sido premiados nos concursos literários realizados interna e internacionalmente. Os antigos e os novos escritores continuam a mostrar a faceta multicultural do país, onde cada autor transmite directa ou indirectamente a sua cultura original, pois o povo moçambicano é, como sabemos ou devemos saber - há, por vezes, quem disso se esqueça -, multiétnico, multirracial e multirreligioso, o que enriquece a nossa literatura.

Como avalia o processo de transição de Moçambique para a sua própria soberania, em 1975?

As transições não são fáceis, sobretudo quando se vem de um regime extremista de direita, que geralmente conduz a outro extremo para combater o anterior. Foi natural que, tanto em Angola como em Moçambique, houvesse ainda algum correr de sangue, embora possamos dizer que a transição foi relativamente pacífica. Com a instalação do novo governo de Moçambique, a realidade alterou-se para uma política socialista de grandes nacionalizações, legítimas e interessantes no caso da terra, da educação e da saúde. Entretanto, ao nível do comércio e das indústrias, houve algum exagero, levando muitos empresários estrangeiros a saírem do país, quando podíamos ter aproveitado essa mais-valia para evitar o colapso económico que se verificou. O 25 de Abril de 1974 em Portugal abriu largas perspectivas para a independência nacional de Moçambique, ficando a saber-se que existem regimes di-

ferentes, uns multipartidários e outros não. Depois da independência entramos num regime monopartidário e, só anos depois, como resultado de uma guerra de desestabilização, mudamos para um regime multipartidário que só agora a população está a tomar consciência. Esta aprendizagem não é fácil, porque muita gente não está apetrechada para aceitar o outro com uma dimensão ideológica diferente da sua. Espero que as pessoas adquiram, o mais rápido e profundamente possível, uma consciência de cidadania, de modo a não permitirmos mais violência no país.

Como viveu a experiência do 25 de Abril? Algum impacto emocional particular?

Imagina tu, nós-eu jornalistas profissionais, trabalhando, na altura, na única revista anticolonial contra os jornais oficiais prógovernamentais, com artigos cortados pela censura, quando se dá o golpe de estado em Portugal. Na revista “Tempo”, muitos de nós éramos elementos clandestinos da luta de libertação nacional, alguns até ex-presos políticos, como o Rui Nogar e o Albino Magaia. O golpe de estado foi um dia maravilhoso: quando chegámos à redação, de manhã, todos nos abraçámos porque percebemos que se desenhava a abertura de Moçambique para a independência. Na capa da edição seguinte da revista publicámos uma manchete que era, até então, inadmissível: “FRELIMO, o que é?”. Devido à propaganda colonial, as pessoas nem sabiam o que era a FRELIMO, que não era nenhum partido marxista-leninista, mas sim uma frente ampla, de múltiplas ideologias, onde cabiam todos os moçambicanos. Era uma plataforma ideológica pela liberdade onde todos os moçambicanos se uniram para a conquista da independência. Como partido marxista-leninista, a FRELIMO só aparece em 1977.

As novas gerações não terão percebido mal o conceito FRELIMO?

A Frente de Libertação de Moçambique foi um conceito aglutinante. O conceito de partido marxista veio, sinceramente, dividir o país. As pessoas estavam preparadas para aceitar a frente de libertação, mas não estavam preparadas para um país comunista-socialista na sua essência pura e dura. A formação do partido marxista-leninista veio deturpar aquilo que eram os grandes princípios da libertação nacional, que podiam ter continuado mesmo tendo em conta a necessidade da unidade nacional e a realização de uma política social e económica progressista.

Qual a sua opinião sobre a figura de Samora Machel e a sua importância para o Moçambique atual?

Samora Machel é uma figura incontornável da história da luta de libertação de Moçam-

bique e dos primeiros anos da independência. Penso que Samora Machel, que tem as suas facetas extraordinárias, cometeu também os seus erros, como qualquer político. Eu sou um “samorista” pelo lado marxista e dialético de Samora Machel, que tinha uma intuição política e uma abertura para as preocupações que afligiam o povo. Os seus ideais de uma saúde e educação para todos, de uma terra livre de exploração e justiça para todos mantêm-se vivos até hoje... É neste sentido que me considero “samorista” e também pelo diálogo permanente com a população. Era um terrível, antagónico combatente contra a corrupção e defensor de um país ideologicamente multirracial. Eu sou um adepto



“Temos responsabilidades no ensino e expansão do português em toda a zona do Oceano Índico.”

incondicional de Samora Machel, que era um mobilizador nato, um indivíduo com forte pulso, que amava a cultura e não desprezava os intelectuais. Mas cometeu alguns exageros, sobretudo aquele que o levou a cair na ratoeira que o próprio imperialismo lhe criou, através de uma guerra de desestabilização que o conduziu a uma prática política de extremismos. Criou uma situação dramática no país, que não lhe favoreceu muito, aliás, que criou até as condições que o levou à sua própria morte, a qual, no meu ponto de vista, foi mesmo um atentado e não um acidente.

E comparativamente ao governo atual de Moçambique?

Ao contrário do que acontece nos governos atuais, Samora Machel tinha uma preocupação com os intelectuais e dialogava connosco. Os governos atuais não foram assim tão interativos connosco nem com a população em geral. E penso que isso foi muito mau para a democracia. Mesmo quando se implantou o modelo multipartidário, marginalizou-se todo aquele que tivesse um pensamento con-





trário aos propósitos do governo instalado. Temos uma classe intelectual erudita que só agora começou, com mais acutilância, a ser mais interventiva, pois apercebe-se que é necessário recriarmos o país.

Como se posiciona entre o português “original” e o moçambicano?

Não existe um português moçambicano propriamente dito, se não já devia estar grafado gramaticalmente. Moçambique, tal como em Angola, Guiné, Cabo Verde ou São Tomé e Príncipe, e tal como aconteceu no Brasil, está a criar uma variante moçambicana. O português é considerado, politicamente, a língua da unidade nacional. Tem vantagem no sentido da sua cada vez mais expansiva expressão e também formação de professores e alunos nesta área.

Que papel vai cumprir o VOC (vocabulário ortográfico comum) na manutenção e desenvolvimento da língua portuguesa?

Vai fazer com que cada um de nós esteja à vontade não só com a sua língua, mas também com a sua inovação e dinâmica através de um enriquecimento lexical. Quando uma língua não tem certo tipo de léxico capaz de dar a conhecer semanticamente determinado objecto ou ideia, acaba por ir buscar empréstimos e influências. Isto depende do ciclo de influência e do contexto geográfico do idioma. As línguas gramaticalmente flexíveis permitem o alargamento do respetivo campo lexical e mesmo, dinamicamente, da sua morfosintaxe.

Como assiste à internacionalização da Língua Portuguesa face às outras línguas em expansão?

Estamos empenhados em conseguir a ratificação do acordo ortográfico que vai permitir a oficialização da língua portuguesa nos organismos internacionais, onde já circula com grande prestígio. A estratégia da internacionalização da língua portuguesa passa por este acordo ortográfico e pela colocação de leitores em vários países que necessitam, cada vez mais, do português como instrumento de trabalho. Os nossos institutos internacionais e outros organismos vocacionados para a formação e expansão da língua portuguesa devem reapetrechar-se para responder à crescente demanda do mundo inteiro em relação ao português.

Uma política linguística consensualizada será mesmo possível ou trata-se apenas do fortalecimento de traços linguísticos comuns aos países da CPLP?

A base linguística estrutural do português vai manter-se. Já temos uma comissão nacional da língua portuguesa em Moçam-

bique, o mesmo acontecendo nos outros países da CPLP, que, em princípio, estão vinculados ao Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), que é o órgão da CPLP que trata de assuntos da língua. Isto quer dizer que, nas suas variantes, o português é, estruturalmente, compreensível, facto que também permite o alargamento do campo da cooperação, não apenas linguística e cultural, mas também económica, jurídica e ao nível de várias áreas do conhecimento e da ciência.

O português como língua de herança em Moçambique: será que desaparece ou perde a sua força identitária e cultural?

Ninguém nos impôs o português. Nós escolhemos o português como instrumento de unidade nacional. Sendo assim, também temos responsabilidades em relação a esta língua. Como? Neste momento, já mostrámos a capacidade técnica e científica dos nossos docentes ao sistematizarem o nosso VON - Vocabulário Ortográfico Nacional -, o que significa que podemos ser responsáveis pelos espaços da língua portuguesa. E os governos deviam empenhar-se para apoiar e apetrechar os esforços de ensino da língua portuguesa. Temos responsabilidades no ensino e expansão do português em toda a zona do Oceano Índico. Para que a diáspora moçambicana continue a aprender, a escrever e a falar o português, não só na África Austral mas também noutros países do Índico (Tanzania, Quénia, Madagáscar e Maurícias), é necessário que o nosso governo aplique a proveito, sem medo e com ousadia, uma política linguística nesse sentido.

Como foi ser líder da Associação Cultural Brasil-Moçambique?

Durante sete anos fui director do Centro Cultural Brasil-Moçambique. É um caso singular dentro do espírito da CPLP, pois pela primeira vez um cargo diplomático foi ocupado por um estrangeiro. O Brasil, ao propor o meu nome, deu um passo gigantesco, mostrando que um cidadão de outro país da CPLP pode assumir o cargo dentro do espírito de solidariedade inerente àquela organização, permitindo uma maior interação cultural entre Moçambique e o Brasil. Penso que o meu contributo foi válido porque consegui empenhar-me no meu grande objetivo: transformar-nos em cidadãos culturais do grande espaço dos países de expressão portuguesa.

Como tem sido a sua relação com a EPM-CELP?

Desde os tempos da cooperativa, nos terrenos onde funcionava a FACIM, que comecei a colaborar, tendo sido professor lá quando havia a disciplina de jornalismo. Tive sempre uma belíssima relação com



PERFIL

Raul Alves Calane da Silva
Jornalista, escritor, professor

Naturalidade

Maputo (Moçambique)

Idade

68 anos (20 de outubro de 1945)

Habilitações académicas

Pós-graduado em ensino de português como língua estrangeira; mestre em linguística (lexicologia), doutor em linguística e pós-doutorando em literaturas africanas de língua portuguesa.

Experiência profissional

Jornalismo e profissional de teatro.

Interesses

Leitura, intervenção cultural nas escolas e bairros e palestrante.

Lema pessoal

Sou assumidamente um espírito que segue a doutrina de Alan Kardec. Sou humanista e holístico. Tenho certezas racionais pelo que nos dão conhecer descobertas científicas recentes que é através das reencarnações sucessivas que eu posso melhorar a minha condição humana e pagar o meu débito cármico, maldades que fiz em vidas anteriores. Estou nesta vida para espalhar a solidariedade, a caridade e o amor.

os professores e com a Direção da Escola, quer as antigas quer as recentes. Por outro lado, participei sempre nas ações culturais para que fui convidado. Quando se fundou a nova escola continuei a contribuir ativamente quer nos seminários locais, quer nos internacionais, participando com textos que foram publicados nesta revista. Criámos condições para que a cultura moçambicana vingasse na Escola Portuguesa. Muitas vezes viemos dizer poesia ou lançar livros, o que significa dizer que a minha relação com a Escola Portuguesa vai para além da docência, pois faz um entrosamento não só com a língua como também com a cultura. Dejo que esta ação cultural entre Moçambique e Portugal continue a verificar-se. Tenho vindo a fazer um trabalho para que esta chama não se apague.



Com forte apetência para o pódio

A conquista de alguns primeiros lugares marcou a participação desportiva da EPM-CELP em várias competições de futsal, realizadas em março e abril, juntamente com escolas internacionais localizadas em Maputo.

A 8 de março último, o Departamento de Educação Física e Desporto Escolar da EPM-CELP organizava, nas nossas instalações, o torneio interescolar que contou com as participações, para além da nossa escola, da Escola Americana de Moçambique e do Colégio Kitabu, estando as três escolas representadas nos quatro escalões etários, compreendidos entre os oito e os 16 anos. A EPM-CELP e o Colégio Kitabu dividiram, em igual número, as vitórias

nas finais nos referidos quatro escalões de competição.

Entretanto, a equipa masculina de futsal do escalão sub 18 da EPM-CELP também arrecadou o primeiro lugar do torneio de futebol de sete, realizado em 26 de abril, que envolveu a Escola Americana de Moçambique, o Colégio Kitabu e a Trichard Academic School de Maputo. Para alcançar logrou vencer a final da competição por 5-1 frente ao Colégio Kitabu. Na eliminatória prévia derrotada (3-1) a Escola Americana de Moçambique. A EPM-CELP aproveitou a ocasião para disputar, no escalão sub16, um jogo amigável com a sua congénere americana, que logrou vencer por 2-0.

As competições decorreram em ambientes de elevado desportivismo, permitindo que os alunos das escolas envolvidas deem passos firmes no processo de crescimento como desportistas e cidadãos. É neste contexto que a EPM-CELP tem valorizado a participação de elevado número de alunos nas competições desportivas em Maputo, bem como a utilização das suas próprias instalações na organização dos eventos desportivos inter-escolares. Esta postura da EPM-CELP corresponde ao desenvolvimento do seu próprio projeto do Desporto Escolar, o qual articula, em muitos momentos, com a Escola Americana de Moçambique na dinamização de manifestações desportivas.

ATLETISMO

Alunos da EPM-CELP com “inclinação” para o pentatlo

A EPM-CELP participou com 19 alunos - 12 rapazes e sete raparigas - nas provas de pentatlo organizadas pela Escola Americana de Moçambique (AISM), também anfitriã do evento que teve lugar a 1 de março.

Os alunos da nossa Escola tiveram uma boa prestação na prova composta por cinco modalidades obrigatórias: lançamento do peso, salto em altura, salto em comprimento, corrida de velocidade e corrida de resistência. Apesar da formulação tardia do convite para participação na competição, inviabilizando uma preparação cuidada para a mesma, os alunos da EPM-CELP tiveram um comportamento desportivo muito positivo, como referiu, no final, a professora Anabela Ferreira, responsável pela nossa equipa.

Na avaliação dos resultados finais, Antero Ribeiro, coordenador do Desporto Escolar da EPM-CELP, louvou o esforço e empenho dos nossos alunos para a obtenção dos melhores resultados, dos quais sobressaiem cinco primeiros lugares no setor masculino. Globalmente, pelas vitórias e lugares de relevo conquistados, bem como comportamentos meritórios nas restantes participações dos distintos escalões etários, a EPM-CELP arrecadou cinco medalhas de ouro, três de prata e três de bronze.



Lixo com arte

Simple e banais contentores de lixo, de cor preta, ganharam impacto visual ao serem transformados em suportes de pinturas saídas da criatividade dos alunos. O lixo é preocupante para todos nós, o ambiente deve ser preservado e a nossa Escola tem de permanecer limpa. Estas e tantas outras boas razões levaram-nos a envolver os nossos alunos em projetos ambientais, tornando-os mais interventivos na preservação de um espaço que acaba por ser uma segunda casa para todos nós - a nossa casa “amarela” -, estimulando-os, simultaneamente, para a arte e a expressão artística.

Através da pintura sobre as superfícies dos já referidos contentores de lixo, como recompensa pelo bom desempenho registado nas aulas de Educação Visual, os alunos do quinto ano de escolaridade aderiram à iniciativa lançada pela diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, que os desafiou a embelezar aqueles recipientes. Através da representação de frutas, flores, pássaros, borboletas, cornucópias, palmas das mãos e de muitos pingos de tinta, os alunos gravaram mensagens de alegria, preservação da natureza, frescura, ar puro, paz, liberdade e harmonia de vida com o ambiente.

Sessão após sessão, com plásticos espalhados pelo chão, pincéis molhados de tinta e ideias a cintilar, os contentores de lixo transformaram-se em pontos de recolha de resíduos mais agradáveis, atrativos e, sobretudo, mais motivadores para a sua utilização como depósitos para a colocação, com prazer, do lixo.

Não deites o teu lixo para o chão! Colabore para um ambiente mais limpo!

SARA TEIXEIRA
Professora de EVT



MOMENTOS EPM-CELP



Na ponta da língua

Espaço literário preenchido com textos livre e espontaneamente escritos por alunos da EPM-CELP

O ciclo da vida

Um uivo numa noite de luar.
Um lobo desejoso de encontrar
algo para saciar
a sua fome faminta.
Dirigiui-se, então, a uma quinta.
Parou, cheirou e levantou as orelhas,
lá no fundo viu ovelhas.
Dirigiui-se a elas,
pois nos seus olhos eram belas.
Aproximou-se e com uma dentada
...pronto!
Estava mais uma morta e calada.

LARA GONÇALVES, LEILA PALMEIRIM, EDGAR LOURENÇO, CRIS-
TIANO PAIS E RAHIT SACARLAL
10.º A2

O visionário

Sem se saber ao certo em que ano nasceu,
Eis um mistério que prevaleceu,
Mas poeta era o que queria ser,
Não tinha nada a perder.

Muitas experiências viveu,
Navegando por um mar de sofrimentos
Nunca a sorte o escolheu,
Rodeado de tormentos
A natureza era o que mais gostava,
Mas outros sentimentos prevaleciam,
O AMOR, A SAUDADE, O DESENGANO
Cadenciavam a sua poesia.

Mesmo sem um olho,
Via mais do que milhões
- Quem poderá ser?
- Está certo...
- É o génio
...Luis Vaz de Camões

LUANA CARDOSO, RICARDO MELO E MIGUEL SANTOS
10.º A2

O sonho

- **D**á-me uma folha, uma folha de papel!

Mas que pleonasmo mais exagerado, parece o meu avô Joaquim a dizer que subisse a escada acima, logo encontraria, saído dum envelope, o recibo do pagamento da luz. Eu, deitado no sofá, recusei o pedido. Mas o olhar sério que me lançou conseguiria convencer qualquer homem no mundo a fazer um favor seu, por mais ridículo que fosse. Subi as escadas que rangiam ao ínfimo toque. Faziam uma algazarra semelhante à zaragata ocorrida no dia anterior, quando o mercador discutia com um dos seus clientes o preço do tomate.

Na última escada, um som diferente começara a pairar no ar. Ouvi com os olhos. Era possível ver o som, tinha muito fogo e cheirava a mofo, havia uma oval preta no meio, espreitei mais ao fundo. Era indescritível a exuberância do lugar observado.

Sentia o cheiro a alegria, campos cobertos de relva verdejante, com belos animais, de pequenos esquilos a grandes zebras. O que por ali não faltava eram flores, vários tipos de flores. E havia um monte. No sopé, avistavam-se árvores das mais variadas espécies, entre o cume e o sopé, névoa branca como a escuridão e escura como a luz.

No cume do monte, esplendorosamente, gloriamente e majestosamente, apareceu o sonho.

MIGUEL PESSOA
7.º A

Poupem-nos

Ultimamente, a nossa sociedade, consumida pelo espírito de "fast-thinking", que grassa por todas as camadas, indiferente a rendimentos, origens sociais ou crenças, tende a ceder uma excessiva importância a efémeras análises do passado recente, pífias previsões a curto prazo e simples enunciações de pretextos e tramas, ao invés de uma análise fundada do Mundo em que hoje vivemos. Pessoalmente, não defendo o excesso de Keynes, ao afirmar que no longo prazo estaremos todos mortos, mas também não deixo de crer que nos estamos a perder no diagnóstico de uma lúgubre mas ainda viçosa árvore, ignorando a majestosa, magnífica floresta que por detrás dela se encontra.

Assim, em retrospectiva, qual a avaliação que podemos fazer dos últimos milénios? Não nos tornámos na força dominante no Planeta Azul? Não atingimos um patamar em que rivalizamos com o que de mais forte a Natureza

produz? Não moldámos a face da Terra às nossas ideias e sonhos? Não movemos montanhas, abrimos canais, dividimos continentes com um ímpeto que só a tectónica de placas consegue igualar? Não extinguímos espécies que nos não serviam- ou o faziam numa exagerada impavidez, que acabou por daná-las irreversivelmente-, não abate-mos florestas inteiras apenas para nos estabelecermos?

Tudo isto- e muito mais- foi a obra que nos foi legada por escassos milénios de Humanidade. De lindíssimas obras-primas como David ou a Gioconda a portentosos livros, do calibre da Bíblia ou da Odisseia, passando por peças como Hamlet, sinfonias como a nona ou invenções como o telefone ou a roda, a genialidade do Homem trouxe-nos aos píncaros da Civilização, ao zénite do domínio do Mundo Natural. A um ritmo vertiginoso, ultrapassamo-nos de ano para ano, de mês para mês ou mesmo de semana para semana, confiando eu, aliás, que os nossos netos ou bisnetos terão de nós a noção e os preconceitos que nós destinamos aos Bárbaros Germanos que, no século V, levaram à queda dos brilhantes romanos. Os próximos 100 anos decerto comprimirão mais descobertas, avanços e conquistas que o último milénio e meio. No futuro, o desafio não será descobrir e inovar, mas conseguir triar eficazmente as intermináveis - e por vezes falaciosas- informações e saberes que nos chegarão.

Mais do que maldizer o presente e soltar maus augúrios sobre o futuro, há-que manter a capacidade crítica, não desmobilizar à primeira visão de eventual turbulência no horizonte e, acima de tudo, orgulharmo-nos do nosso percurso. Não só individual- de que creio cada um ser responsável, como diria o Generalíssimo Franco, e eu agora parafraseio, perante Deus- caso nele acredite-, a sua consciência e, a História- mas principalmente coletivo.

Como podemos desmotivamo-nos perante o aquecimento global quando, com infinitamente menos recursos, colonizámos o planeta com um ímpeto jamais visto? Como podemos recear flagelos futuros, como a obesidade ou a diabetes, quando conseguimos erradicar diversas outras com programas multinacionais de vacinação e melhores condições sanitárias? Como nos podemos amedrontar face a problemas de dívida, défice ou contas públicas, quando descobrimos o nosso Sistema Planetário, a nossa Galáxia e o restante Universo no tempo de vida de uma sequóia?

O que importa é sonhar. Após possuímos essa capacidade, tudo o resto é acessório. Tudo o mais não passa de uma ferramenta. Toda a nossa existência se simplifica. Todo o futuro parecerá melhor.

MIGUEL PADRÃO
11.º A1

“Psicólogos escolares? Psicólogos clínicos?”

S P O

Serviço de Psicologia e Orientação

“Tenho uma dúvida quando falam na notícia em psicólogos escolares. Já que são encaminhados das escolas, para clínica privada, centros de saúde, hospitais, etc., tantas crianças, não faria sentido também a contratação de psicólogos na área clínica? Parece-me uma questão que merece alguma reflexão. Obrigada.”

Célia Barreiros

Tenho de “fugir” do meu gabinete do “Serviço de Psicologia e Orientação” (SPO) na escola, sempre que preciso de realizar uma tarefa que exija um maior esforço de concentração e que não implique atendimento direto. Sem exagerar, há sempre alguém a bater à porta, um telefone a tocar ou um pedido urgente de atendimento a chegar. Quando, em algum momento, isto não acontece, sou invadida por uma sensação de estranheza e, quase inconscientemente, questiono-me sobre “o que estará hoje a acontecer?”! O trabalho em contexto escolar permite uma intervenção imediata quando as situações são urgentes e uma articulação célere com famílias, quando estas estão presentes, com professores e com outras entidades, que possam contribuir para a resolução dos problemas e que, muitas vezes, até já estão a desenvolver um qualquer tipo de intervenção. Os pedidos são tantos, que muitas vezes o psicólogo é invadido pelo peso da impotência, pois gostaria de atender e acompanhar mais de perto os encaminhamentos que lhe são dirigidos, mas o tempo esgota-se... e o técnico tam-

bém se esgota, porque é humanamente impossível responder da forma que seria desejável.

Uma explicação para esta sobrecarga a que estão submetidos os psicólogos escolares é dada pela Ordem dos Psicólogos Portugueses, que defende a existência de mais psicólogos nas escolas (um acréscimo de cerca de 790) para que o rácio desejável e aconselhável de um psicólogo por cada mil alunos seja uma realidade, sobretudo num momento de crise que potencia a procura destes serviços. Este ano, curiosamente, anunciou-se um aumento de cinco vagas, de 176 para 181, mas as escolas foram informadas de que teriam um psicólogo a meio tempo. Para quem trabalha em contexto escolar, este “meio tempo” soa a absurdo, a ridículo, a falta total da noção do que é o trabalho desenvolvido pelo psicólogo em contexto escolar. O que é meio tempo, num mar imenso de solicitações? Se numa fase inicial, quando o serviço dava os primeiros passos, há muitos anos atrás, eram sobretudo os adultos que batiam à porta do SPO, agora são muitas vezes os alunos que tomam a iniciativa e, quando o fazem, as situações são geralmente graves e exigem uma intervenção célere e urgente.

As famílias estão desorientadas, nomeadamente no que se refere à educação dos filhos. Há muitos pedidos que chegam ao SPO que se prendem com a incapacidade de os pais educarem corretamente. Não há dúvida nenhuma que isto é verdade. Por isso, e porque ninguém nasce ensinado, é que muitas vezes o trabalho é

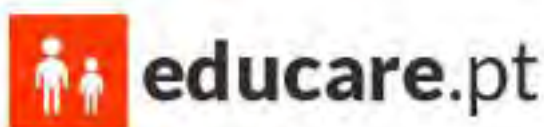
desenvolvido com os pais, sendo estes sensibilizados para a importância e urgência de alterarem as suas práticas parentais.

Os psicólogos escolares acompanham o percurso dos alunos e a sua intervenção é muitas vezes iniciada numa fase precoce. Poderia dizer que eles estão na primeira linha de intervenção, podendo contribuir de forma decisiva para que os problemas não se agudizem, encaminhado, quando necessário, para outro tipo de técnicos, nomeadamente psicólogos clínicos, pedopsiquiatras ou pediatras do desenvolvimento. A contratação de psicólogos clínicos faz todo o sentido, até porque está provado que uma em cada quatro crianças/jovens poderá vir a sofrer de problemas de saúde mental. O que não faz sentido é achar que uns excluem os outros. Cada um dos profissionais em questão é necessário, pois têm atuações que se complementam. O que infelizmente acontece é que, também na área clínica, os psicólogos que trabalham em serviços públicos se debatem com o mesmo problema: incapacidade para responder ajustadamente a tantas solicitações!

ADRIANA CAMPOS

Cortesia da www.educare.pt

Adriana Campos é licenciada em Psicologia pela Universidade do Porto, na área de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos e mestre em Psicologia Escolar. Concluiu vários cursos de especialização na área da psicologia, entre os quais um de pós-graduação em Psicopatologia do Desenvolvimento, na UCAE. Atualmente, é psicóloga no Agrupamento de Escolas Engenheiro Fernando Pinto de Oliveira, para além de dinamizar ações de formação em diversas áreas.



sig-a-nos



Baile de Finalistas 2014

